

João Garcia

14

Uma vida nos tectos do mundo

CONTEÚDOS

Introdução	9
14 Pessoas	15
> Ramon Morandeira - O médico e o amigo	17
> Vítor Baía - O homem que “domina” os céus	20
> Gonçalo Velez - O primeiro “8000”	23
> Elizabeth Hawley - A avozinha de Katmandu	26
> Pascal Debrouwer - Uma dupla para a Montagnes du Monde	29
> Angel Muñoz - O guia espanhol	33
> Berta Rodrigues - O primeiro desafio literário	35
> Aurélio Faria - O amigo da TV	38
> Piotr Pustelnik - A primeira e a última	42
> Jean-Luc Fohal - Ironman da Bélgica	45
> A família - Apoio incondicional	48
> Ivan Vallejo - Do Equador aos Himalaias	51
> Reinhold Messner e Peter Habeler - Os pioneiros	54
> Zimba Sherpa - Símbolo de um povo admirável	58
14 Competências	63
ginástica • escutismo • voleibol • rãguebi • escalada • triatlo • maratonas • ultra-trail • carpintaria • electrónica • radioamadorismo • electrotecnia • fotografia • costura	
14 Montanhas	81
> Cho Oyu - Provar que também sou capaz	83
> Dhaulagiri - A confirmação	86
> Evereste - Uma lição muito dura	90
> Gasherbrum II - Sabermos levantar-nos quando caímos	94
> Gasherbrum I - Acreditar nos sonhos	98
> Lhotse - Afastar os fantasmas	102
> Kangchenjunga - Não abandonamos os nossos nem desistimos à primeira	106

> Shishapangma - O fim de um sonho	110
> K2 - O profissionalismo	114
> Makalu - Uma história de amizade	117
> Broad Peak - Um "8000" em onze dias	121
> Manaslu - A expedição mais longa	125
> Nanga Parbat - O perigo à espreita	129
> Annapurna - A cereja no topo do bolo	133
14 Momentos	139
ida de bicicleta à serra da Estrela - cume do Monte Branco - escalar o Cho Oyu - Dhaulagiri - Everest - Gasherbrum II - acidente no Nepal - segunda ida ao Kilimanjaro - Lhotse - profissionalismo - Kangchenjunga - Shishapangma - Nanga Parbat - Annapurna	
14 Locais	157
> Cântaro Magro - Onde tudo começou	159
> Chamonix - A meca do alpinismo	161
> Katmandu - A capital dos Himalaias	164
> Marraquexe - Aqui tão perto e tão longe	167
> Pico - O mais alto de Portugal	170
> McKinley - O tecto da América do Norte	173
> Nanga Parbat - O pequeno gigante	176
> Yosemite - O verdadeiro exemplo de um parque natural	179
> Mendoza - O primeiro campo-base do Aconcágua	182
> Pangboche - A casa do Urken	184
> Patriot Hills - Um sítio de outro mundo	187
> Kilimanjaro - Um erro que deu muito certo	190
> Wanganui - Umas boas férias	193
> Damavand - Na terra dos tapetes persas	196



14

Pessoas



RAMON MORANDEIRA

O médico e o amigo

Só me faltava aturar este chato. Já tinha explicado tudo ao telefone, depois pessoalmente, assim que dera entrada nas urgências. O que tinha acontecido, como tinha acontecido, o que sentia, a que tratamentos me submetera. As perguntas habituais, quando se é hospitalizado, são sem dúvida necessárias mas sempre muito difíceis. E ainda mais para mim, naquela altura. Acabara de conquistar o cume do Evereste e sentia-me a pessoa mais triste do mundo. Estava confuso, esmagado pela tragédia de ter perdido um amigo na escalada e pela ameaça das lesões físicas que sofrera.

Há pouco tempo revi um vídeo feito por um casal brasileiro (o Paulo e a Helena Coelho) que integrava a nossa expedição de 1999. Estou numa tenda, a lamentar-me por não ter conseguido fazer nada pelo Pascal [Debrouwer] e a olhar para as minhas mãos. Ainda estou em negação, mas digo qualquer coisa acerca da ciência, sobre os progressos da medicina, as capacidades de recuperação. Os meus dedos estavam negros, mas ainda não tinham começado a mumificar... Estava a enganar-me a mim próprio. Lá no fundo, sabia que, desta vez, tinha feito asneira. Sabia, e já me revoltava contra as reacções que antecipava de toda a gente que me tinha avisado para os riscos do alpinismo extremo, de todos aqueles a quem eu respondia sempre: “eu sei, assumo o risco, é isto que eu quero fazer na vida!” Assumo os riscos... E agora, assumes o risco de ficares sem os dedos?

Foram longos os dias entre a descida do Evereste e a chegada a Saragoça, ao Hospital Universitário, que eu escolhi por ser aí que se desenvolveu o protocolo, seguido mundialmente, para tratamento de congelações. É uma época da minha vida que agora recordo aos repelões, cheia de períodos nebulosos. Mas se os dias foram longos, o que dizer das noites... Dor, angústia, culpa, e até um medo quase infantil de ter

de aparecer aos meus pais, por saber que tinha feito asneira. E tinha mesmo. O Evereste 1999 foi uma sucessão de erros.

Quando se escala o Evereste sem oxigénio, qualquer erro pode ser fatal. E eu, nessa jornada, cometi vários erros. Se calhar alguns bem-intencionados, por amizade ao Pascal... Tenho a sensação de que, se fosse só por mim, teria escapado sem lesões. Mas sozinho, provavelmente nunca teria chegado até ali...

Uma jornalista perguntou-me nessa altura se tinha chorado. Não sei. Provavelmente, mas não me lembro. As pessoas têm maneiras diferentes de expressar a tristeza. O problema é que não sei bem como foi a minha. Estava magoado e revoltado ao mesmo tempo. Não me apetecia aturar ninguém. Mas tive de aguentar aquele tipo, trajado à civil, que me crivava de perguntas mal dei entrada no hospital.

A primeira impressão que me lembro de reter, para lá do enfado, foi a sensação de que o tipo falava comigo com um misto de interesse profissional e de admiração. Muitas das perguntas que fazia eram semelhantes a outras a que já tinha respondido nos infundáveis interrogatórios médicos. Mas havia mais, dirigidas para os aspectos técnicos da escalada. E, pelo meio, percebia-se um sentimento de orgulho, de admiração, por eu ter sobrevivido a uma odisséia daquelas.

Foi só nos dias seguintes, quando o “chato” começou a aparecer de bata branca, que percebi: o homem que me falara de sintomas e de técnicas de escalada, de tratamentos e de glórias alpinísticas, era médico. Mas não um médico qualquer: a cuidar de mim, tinha o doutor Ramon Morandeira (soube depois que o nome lhe vinha de antepassados minhotos), o responsável pelo desenvolvimento do tal protocolo de tratamento de congelações que me tinha levado a Saragoça. Não podia estar em melhores mãos.

Foi ele quem me ajudou a sair da mais alta solidão – o título do meu primeiro livro, no qual relato a escalada do Evereste, e onde concluo que vivi a “mais alta solidão”, não no cume da montanha mais alta do planeta mas no quarto de hospital em Saragoça. Na altura não me apetecia estar com ninguém. Na minha profunda tristeza, queria cortar os laços com o mundo.

O doutor Morandeira é que não estava para isso. Cumpriu o seu papel clínico, tratou-me, aconselhou-me sobre os procedimentos, liderou as equipas de cirurgiões que levaram a cabo as amputações,

vigiu todo o processo. Mas fez mais do que isso. Incentivou-me a fazer exercício físico, chamou, ao hospital, outros alpinistas que tinham sofrido congelações para irem conversar comigo e mostrarem que a vida e o alpinismo não tinham acabado com o acidente, um dia até me levou num fim-de-semana aos Pirenéus, para eu respirar o ar da montanha. Ele sabia o que estava a fazer: era preciso recuperar o corpo e a alma.

Diga-se que, na sua pose sempre descuidada, este génio louco, que nos fazia pensar imediatamente no “Dr. House” da série televisiva, passou por cima da burocracia, como fazia sempre, para me levar do hospital. Chegou a tal ponto a situação que, quando regresssei, percebi que durante 48 horas tinha sido dado como desaparecido, porque ele não tinha avisado ninguém: tecnicamente, tinha-me “raptado”.

É um episódio que mostra bem quem ele era. Entrávamos no seu escritório e encontrávamos bidões azuis de expedição, material de escalada, fotos e livros de alpinismo, cordas. Aquilo não era um escritório, era um campo-base! Em Aragão respira-se alpinismo, mas assim tanto era notável. O Ramon Morandeira tinha sido um bom alpinista em jovem (há várias vias nos Pirenéus abertas por ele), e o “bichinho” continuava lá. Todos os anos, com o pretexto de continuar a investigação sobre os efeitos da altitude na fisiologia humana, acompanhava expedições aos picos mais altos do mundo. Instalado no campo-base, monitorizava os alpinistas da sua e de todas as outras expedições. E sempre fez questão de dizer que estava nos Himalaias para ajudar os montanheiros e os montanhesees. Ou seja, os habitantes locais. Uma vez, no Manaslu, saiu do campo-base para socorrer uma senhora que levava uma cornada de um iaque. Cavalgou encosta abaixo horas a fio, e quando chegou à aldeia operou a senhora ao útero só com anestesia local. E salvou-a: 24 horas depois, ele estava um farrapo após uma directa, mas a paciente já sorria.

Era assim, um homem generoso, um médico atento e um investigador genial, muito conceituado entre os seus pares. Um tipo extraordinário, de personalidade riquíssima e com um comportamento muito peculiar: era surdo, devido a um raio que o atingira na montanha anos antes; circulava muitas vezes por passagens esconsas do hospital só para não o “caçarem”; fumava, apesar de já ter tido um problema cardíaco (aliás, adivinhem quem eu encontrava a fumar às escondidas

quando, seguindo as suas instruções, subia e descia as escadas dos 11 pisos do hospital para manter a condição física?).

Passei três meses naquele hospital. Ao qual regressei muitas vezes. Para servir de cobaia a testes de investigação, para ajudar alpinistas acidentados (como me tinham ajudado a mim), mas, principalmente, para estar com o Ramon. Tornámo-nos amigos. Entre nós, havia um sentimento de enorme amizade e de admiração mútua. Que ele por vezes levava ao extremo da inconveniência, como acontecia sempre que começava a discutir com alguns alpinistas espanhóis e lhes atirava: “O João é que é um atleta, vocês andam aqui só para comer e beber cerveja!”

No fundo, o Ramon Morandeira queria viver a vida na sua plenitude e deixar um legado que orgulhasse a sua memória. Conseguiu tudo isso. Em Novembro de 2012, um aneurisma matou-o. A medicina e o alpinismo perderam uma enorme figura, mas eu perdi mais do que isso: partira o médico que me salvara a vida e um bom amigo.



VÍTOR BAÍA

O homem que “domina” os céus

Sou o privilegiado que coloca a “bandeira” no cume, mas por trás desse momento há todo o trabalho de equipa que torna possível o sucesso nas mais altas montanhas do mundo: preparação física, acompanhamento médico, patrocínio e relações comerciais, contactos com a imprensa, suporte logístico, organização de expedições, questões burocráticas, e apoio nas escaladas. Há um mundo de pessoas e organizações que se une à volta do objectivo comum, subir cada vez mais alto. Seja em Portugal, no Nepal, no Paquistão ou um pouco por todo o mundo, é sempre um privilégio trabalhar com gente que alia a competência profissional às qualidades pessoais. E, de entre todos, o Vítor Baía é quem está comigo há mais tempo.

Na verdade, a minha carreira de alpinista confunde-se, em muitos momentos, com a relação de amizade entre o lisboeta, com a mania

de escalar montanhas, e o serrano, conhecedor e amigo, que lhe abriu muitas portas no início e lhe “aplanou” o caminho numa fase posterior. Conheci o Vítor Baía aos 16 anos, quando me lancei na aventura de ir à serra da Estrela para o meu primeiro contacto directo com o mundo da montanha. O Vítor e o irmão, o Carlos, eram os líderes do Clube de Montanhismo da Guarda. E foram os meus primeiros professores. E heróis.

Os dois complementavam-se. O Carlos era mais cabeça, um organizador nato. O Vítor tinha outras aptidões no terreno. Mas ambos eram bons escaladores. Lembro-me de ter ficado de boca aberta quando eles escalaram o Naranjo de Bulnes, nos Picos de Europa, Espanha, pela via Rabadá y Navarro (750 metros de desnível vertical), em dois dias. Hoje, uma cordada bem treinada faz aquilo num dia, mas nos anos 80, com os meios e equipamentos disponíveis, era uma escalada que implicava bivacar em plena parede...

Escalar ao lado destes homens – principalmente o Vítor, que era quem andava mais connosco – era um privilégio. E aprendi muito com eles. O Vítor, que tinha sido guarda-redes de futebol (como o seu homónimo do Futebol Clube do Porto e Barcelona), era um bom escalador em rocha, liderava as cordadas, era um guia, no verdadeiro sentido da palavra. Foi com ele que eu dei os primeiros passos nas paredes da serra da Estrela, que depois explorei na companhia do Gonçalo Velez, o meu grande parceiro de aventuras nos primeiros anos. Pormenor curioso é que, como na altura tanto o Vítor como o Carlos fumavam, não era raro orientarmo-nos nas escaladas pelas beatas que íamos encontrando pelo caminho...

Anos depois, quando fui para a Bélgica, o contacto tornou-se mais esporádico. Mas, apesar de nos vermos de longe a longe, a riqueza e a intensidade dos momentos que passávamos juntos alimentava a forte amizade. Entretanto, o Vítor, que já escalara tudo o que a serra tinha para oferecer, foi à procura de novas sensações e descobriu o voo livre. Tornou-se piloto, depois instrutor e organizador de provas de parapente. Uma modalidade que tem na serra da Estrela um palco privilegiado.

O voo livre exige um estudo sistemático e aprofundado das condições climáticas. E o Vítor dedicou-se a essa área com grande entusiasmo. Aprendeu a ler os modelos matemáticos que sustentam a previsão

meteorológica, afinou a sua sensibilidade e a capacidade de observação. Mas atenção, quando ele começou a fazer isto, a vida não era tão fácil como é hoje, principalmente porque não havia Internet e a informação era muito mais difícil de obter.

Voar não é o mesmo que escalar montanhas, mas a capacidade de extrair informação destes modelos é crucial em ambas as actividades. E o Vítor, além da competência técnica que adquiriu nessa área, tem ainda a vantagem de ter sido praticante e de, portanto, fazer muito bem a ponte entre o que é a teoria e o que pode ser a prática. Para mim, foi um achado.

Começámos a colaborar nesta área na expedição de 2003, ao Pumori, depois repetimos no Ama Dablam (2004), no Lhotse (2005). E por aí fora. Com os anos fomos também afinando a nossa capacidade de comunicação: eu no campo-base a relatar o que via e sentia, ele ao computador a decifrar os modelos e a consultar os dados disponíveis; eu, a conferir no terreno se as suas previsões tinham batido certo, ele a anotar todos os desvios e a fazer as correcções nas suas bases de dados.

Ao princípio, digamos que as previsões do Vítor, com uma semana de antecedência, confirmavam-se a 60 por cento, e a três dias ele acertava em 80 por cento das vezes. Gradualmente, essas taxas foram subindo para uns bons dez a 15 por cento. Ou seja, se o Vítor me dizia que o vento ia estar fraco no cume daí a três dias, havia a fortíssima probabilidade (uns 90 por cento) de esse cenário se confirmar. E esta confiança não tem preço, quando sabemos que estamos a arriscar a vida.

Além desta competência técnica e sensibilidade desportiva, o Vítor tem ainda outra qualidade muito importante: é um grande profissional. Nos dias de cume, um alpinista não quer receber um *e-mail* com uma mensagem seca sobre as condições meteorológicas. Isso não chega. Precisa de ouvir alguém em quem confia dizer-lhe o que pode esperar. O Vítor faz isso de forma calorosa e amiga, mas sempre muito fria e calculista no momento de dar a informação. Ele sabe muito bem o que está em jogo. E quem o ouve, do outro lado, tem consciência de que ele está a medir todos os prós e contras do que nos diz. Mais: na jornada de cume, nós não dormimos e ele também não dorme. Fica toda a noite ao computador, sempre atento à mínima variação, ao mais pequeno sinal de perigo, para nos poder avisar. No K2, disse-me que iam chegar ventos fortes na manhã após a descida do cume, e eu passei

a palavra, avisando toda a gente para sair dali o mais cedo possível. Uma hora depois de nos encontrarmos já numa zona de abrigo, abateu-se o temporal.

É claro que o que ao princípio foi feito por amizade e respeito, foi-se transformando, com a própria profissionalização da minha carreira, numa prestação de serviços. Há quem ganhe bom dinheiro a vender estas previsões, e o Vítor é dos bons. Tão bom, que depressa as suas capacidades começaram a dar nas vistas, transpondo as montanhas por onde fui passando. Hoje, os seus serviços são requisitados por uma série de expedições internacionais (o facto de ele falar espanhol torna a comunicação ainda mais fluida). E com grande sucesso.

Em 2006, no Kangchenjunga, quando a minha fé inabalável nas informações que chegavam da Guarda me deu forças para atacar, a solo, talvez o mais difícil dos “8000”, foi o Vítor quem acertou em cheio na melhor janela de meteorologia. O Ivan Vallejo, o equatoriano que acabou por ficar à minha espera no último campo para tentarmos juntos, não o esqueceu quando regressámos do cume. De visita a Portugal, insistiu que queria conhecer o Vítor. E lá fomos nós até à Guarda, onde nos aguardava um belo cabrito assado no forno.



GONÇALO VELEZ

O primeiro “8000”

Faço parte de uma geração de seguidores. Com alguma pena minha, porque não há nada como abrir novos horizontes e enfrentar o desconhecido. Mas quase tudo o que eu consegui foi feito por cima das pisadas de outros, os que me mostraram o caminho. Se escalei os 14 “8000” sem oxigénio, foi porque, antes de mim, um senhor chamado Reinhold Messner já o tinha feito. E se me lancei na aventura de pisar os tectos do mundo, foi porque outro senhor, o Gonçalo Velez, me provou que era possível a um português chegar a esse nível.

O Gonçalo foi, sem dúvida, uma grande influência na minha carreira. Quando o conheci, no segundo ano em que fui à serra da Estrela,

começámos logo a escalar juntos, porque pareceu lógico ao pessoal do Clube de Montanhismo da Guarda, que nos acolhia e organizava os encontros, pôr os dois tipos de Lisboa na mesma cordada. Grande vantagem para mim, porque o Gonçalo, um rapaz reservado e culto, com uma barbicha e nove anos mais velho do que eu, já tinha experiência e algum material. No regresso a casa, foi ele quem me pôs em contacto com a malta que praticava escalada na zona de Lisboa. E, assim, passei a ter companhia para as aventuras de fim-de-semana.

Partilhei com o Gonçalo muitos episódios fantásticos, experiências marcantes, lições de vida. Nas falésias do Guincho e cabo da Roca, na serra da Estrela ou nos Alpes, durante oito anos fomos grandes companheiros de aventura e bons amigos. Muitas dessas actividades só foram possíveis porque ele já tinha carro e algum material, nomeadamente uma corda, que partilhava comigo. Foram tempos de desenrascanço, de cometer erros e esticar os limites, de aprender com tudo isso. À nossa custa, claro.

Uma vez, nos Alpes, lançámo-nos numa travessia em que a coisa só podia correr mal. Nenhum de nós esquiava decentemente e, além disso, íamos carregados como burros, porque tínhamos de levar conosco todo o equipamento para bivaques – não havia dinheiro para pagar os abrigos. É claro que nos fartámos de cair! Nessa noite, cada um assumiu a tarefa para a qual se sentia mais competente: eu fiz de engenheiro e cavei um buraco para pernoitarmos; ele fez de cozinheiro e preparou o jantar. Ainda hoje não conseguimos decidir qual das tarefas ficou pior, se a “habitação” construída por mim (que obrigava a rastejar para conseguirmos entrar), se a massa cozinhada por ele (para lá de qualquer descrição)!

Isto passou-se no final da década de 1980, depois fui para a Bélgica e os nossos caminhos separaram-se, exactamente quando começávamos a ter planos mais ambiciosos. Mas mantivemo-nos em contacto. Quando saí da tropa, cheguei a trabalhar, como guia de passeios pedestres, na agência de turismo e aventura que ele entretanto fundara. Uma actividade que ajudou muitíssimo a desenvolver as minhas capacidades de gestão de grupos, reconhecimento de programas e preparação de produtos turísticos. Competências que me viriam a ser úteis daí para a frente.

Até nessa decisão o Gonçalo mostrou o seu carácter. Licenciado em Gestão de Empresas, pela Universidade Católica, chegou a trabalhar

nas áreas da navegação e da celulose, e até tinha um cargo importante na Vista Alegre, quando decidiu pôr toda a carreira para trás das costas e enfrentar o desafio de criar uma agência que oferecesse o tipo de experiência de viagem e de contacto com a natureza que ele próprio desfrutava nos seus tempos livres. Ou seja, foi fazer o que gostava. Trabalhou no duro e deu-se bem.

Mas antes de criar a agência, fez uma coisa ainda mais impressionante, pelo menos para mim. Teve a “ousadia” de se intrometer no mundo das altitudes extremas. Foi o primeiro português a escalar um “7000” (Pik Korjenyevska, 7104 metros, no Pamir), em 1990, e dois anos depois juntou-se a uma expedição polaca para chegar ao cume do Annapurna (8091 metros). Era o primeiro português a oito mil metros! Uma coisa incrível, que não me passava pela cabeça ser possível. Mas que, a partir daí, se tornou um objectivo.

Não me interpretem mal. Não me lancei a escalar montanhas de oito mil metros só porque o Gonçalo o tinha feito. Há muito que começara a acalentar esse sonho. Mas parecia-me tão distante que não gastava muito tempo a pensar nisso. Subitamente, a porta abriu-se: era possível, a um português, partilhar a aventura com os grandes nomes da modalidade. Foi como se, de repente, um miúdo que gostasse de correr percebesse que podia estar nos blocos de partida ao lado do Usain Bolt.

O próprio Gonçalo já assumiu em entrevistas que, na altura, nem tinha bem a noção do que era escalar um “8000”. Mas como é que poderia ter? Tudo o que íamos sabendo provinha de relatos de alpinistas estrangeiros, de que só tomávamos conhecimento quando íamos ao estrangeiro, em livros e artigos de revistas que tínhamos de procurar. Era um mundo mágico e distante, quase irreal. Mas o Gonçalo, com a sua maneira de ser pragmática, fez a ligação. O que eu mais gostava era que tudo o que consegui alcançar pudesse ter, para os outros, o significado que a coragem do Gonçalo teve para mim.

Eu conhecia as suas qualidades e as suas limitações. E as minhas, por comparação. Se ele tinha conseguido escalar um “8000”, isso queria dizer que eu também o podia fazer. É o que fazem os pioneiros: abrem um caminho. Nada é impossível até tentarmos. Mas são raros os que ousam tentar o que nunca foi feito. Por isso digo: o Gonçalo Velez, na sua dimensão de português, e o Reinhold Messner, a nível mundial, foram as pessoas que me mostraram o caminho.

Tenho pena é de não ter podido partilhar essa descoberta com o Gonçalo. Tínhamos planos para uma escalada ao McKinley (6194 metros, no Alasca, a montanha mais alta da América do Norte), cheguei a escrever cartas a pedir apoios a empresas. Mas fui para a Bélgica, cumprir uma comissão num comando da NATO, e o Gonçalo acabou por reciclar esse trabalho e apontar ao Pamir. Foi o início da sua dedicação ao alpinismo, que ele nunca assumiu como prioridade mas que o levou a escalar quatro montanhas com mais de oito mil metros.

A partir de certa altura, o Gonçalo passou a dedicar-se mais ao parapente. Típico dele, um tipo capaz de ver as potencialidades de uma actividade antes de a maior parte das pessoas terem sequer a noção de que ela existe. No final da década de 1970, foi um dos primeiros praticantes portugueses de *windsurf*. Também tinha sido um bom tenista em jovem. Sempre praticou desporto.

Em 2009, uma arrepiante queda na serra da Estrela, quando voava em parapente, quase o matou. Sobreviveu, recuperou, voltou a voar. E emergiu, de todo este processo, uma pessoa melhor. Gosto de pensar, também, que ambos partilhamos esse aspecto das nossas vidas.



ELIZABETH HAWLEY

A avozinha de Katmandu

É sempre um período de alguma balbúrdia: à excitação da chegada junta-se a expectativa do duche e de uma cama, depois de tantas horas em aviões e aeroportos. Carregados de sacos, apinhamo-nos junto ao balcão da recepção do hotel e o líder começa a distribuir as chaves dos quartos. Em 2006, era eu o líder. A equipa portuguesa propunha-se escalar o Shishapangma, no Tibete, mas a aclimação seria feita no Nepal, no vale do Khumbu. E, portanto, lá estávamos nós em Katmandu, acabadi-nhos de chegar. Foi então que tocou o telefone: “Mister García?”, indagou o funcionário. “Sim, sou eu. Quem é?” “Miss Elizabeth Hawley.”

Podia ser uma coincidência, esta coisa de a chamada ter chegado quase ao mesmo tempo que nós. Mas, quando se trata de Miss Hawley,

não há coincidências. Ela é mesmo assim: metódica, pontual, implacável. Que estes adjectivos se apliquem a uma velhota franzina, parece estranho. Mas é mesmo assim. Há mais de meio século que Elizabeth Hawley é a grande compiladora de informação sobre as expedições que rumam ao Nepal. Sabe tanto e pergunta tanto, que muitos a vêem como uma espécie de guardiã da verdade.

Não é à toa que a sua autobiografia tem o título *I'll call you in Kathmandu* (“Telefone-te em Katmandu”), porque é mesmo isso que ela faz. Telefona e depois aparece. Naquele dia o *timing* foi ainda mais perfeito do que o costume (e, por incrível que pareça, quando regressámos, cinco semanas depois, o telefone voltou a tocar assim que entrámos na recepção do hotel).

Desde 1960, logo, sete anos antes de eu ter nascido, que ela anda nesta vida. Um *Volkswagen* carocha azul estaciona à porta do hotel (este só desde 1963, que é a data da matrícula), do carro sai uma senhora pequenina, casaquinho de malha pelos ombros. Toda a gente parece ficar em sentido. Agora, Miss Hawley já não conduz, contratou um motorista. O que até reforçou o aparato da sua entrada em cena. É ele quem lhe abre a porta, vai buscar uma cadeira (a senhora não gosta de sofás), segura a papelada, distribui os questionários. Então, ela pega num bloco e num lápis e começa a fazer as perguntas.

A primeira vez que passei por este “exame” foi em 1993, quando integrei a expedição polaca ao Cho Oyu. Os meus companheiros já estavam habituados, mas para mim, “maçarico”, foi inesquecível: de repente entra na sala uma senhora delicada, de aspecto frágil, magrinha, pálida, óculos na ponta do nariz e farta cabeleira grisalha. Distribui canetas e folhas de papel com um questionário. As folhas de papel estavam escritas à máquina, e não eram fotocópias, mais parecia aquelas cópias tiradas em stencil, que eu conhecia da tropa (nota para os mais novos: envolvia o uso de papel químico).

Tudo era feito com cadência e organização: percebia-se que havia uma rotina, que a senhora tinha já grande experiência daquele ritual. Mas se a fotocópia parecia arcaica, já o questionário era bastante avançado... Basicamente, a senhora queria saber tudo sobre cada um de nós: se éramos casados, solteiros, divorciados; se vivíamos com uma mulher ou um homem; quantos filhos tínhamos e de quem; o que fazíamos; de onde vínhamos... E nada de respostas evasivas, que ela

voltava à carga após uma leitura rápida: “Dizes aqui que és professor. Professor de quê?”

Na prática, tratava-se de recolher dados, alguns mesmo muito pessoais, sobre todos os membros da expedição e definir os objectivos de escalada que tinham em mente. Isto à chegada a Katmandu. No regresso da montanha, as perguntas eram muito mais dirigidas, no sentido de perceber exactamente o que se tinha passado e quem tinha feito o quê. Diga-se que a simpática velhinha tinha sempre umas “ras-teiras” na manga... “Então, depois saíram do campo 3 a que horas?” “Sim, estou a ver, mas quando é que começaram a usar oxigénio suplementar?” “Não. Miss Hawley, nós não usámos oxigénio.” “Ah, pois, claro! Esta minha cabeça...”

Não havia nada de errado com a sua cabeça. Bem pelo contrário. Mas à força de entrevistar centenas e centenas de alpinistas (agora já tem colaboradores com quem reparte o trabalho), Miss Hawley conhece melhor as vias de escalada do que os próprios que as percorrem – e isto apesar de nunca ter estado numa montanha em toda a sua vida. A base de dados que compila há décadas – a Himalayan Database Expedition Archives – é o registo mais completo e fiável da actividade nos picos do Nepal. Por trás da sua aparente fragilidade esconde-se, na verdade, uma memória prodigiosa e um espírito analítico muito desenvolvido. O que ela faz, é quase o trabalho de um detective. “Então, João, como é que sabias que estavas no cume do Annapurna?” “Bom, víamos umas bossas, como se fosse o dorso de um camelo.” “Olha, foi exactamente o que disse a Edurne [Pasaban].”

Acredito que sejam poucos os alpinistas que reivindicuem ter feito o que não fizeram, e que, quando isso acontece, os erros são involuntários. A altitude rouba-nos o oxigénio e o discernimento, a escala da paisagem é gigantesca, a meteorologia nem sempre ajuda, o cansaço físico por vezes chega à exaustão. Por isso, cometer um erro de localização não é assim tão raro. Mas, como se diz no Nepal: “A Elizabeth Hawley, tal como a Deus, podes mentir, mas não podes enganar.” Os “mentirosos” que se cuidem.

O mistério que a rodeia também ajuda a criar esta aura de infalibilidade. Miss Hawley nasceu em Chicago, em 1923, estudou na Universidade de Michigan e tornou-se jornalista. Foi numa volta ao mundo, ao serviço da revista *Fortune*, que conheceu Katmandu. Quando

regressou aos EUA, despediu-se e foi viver para a capital do Nepal, onde era correspondente da Reuters, entre muitas outras colaborações. Durante muitos anos, foi também secretária da fundação criada por Edmund Hillary (um dos dois primeiros homens a chegar ao cume do Everest, com Tensing Norgay), para apoiar o povo daquela região dos Himalaias. Durante dois anos, trabalhou em Moscovo. Há quem jure, a começar pelos meus parceiros polacos em 1993, que ela sabe russo mas finge desconhecer a língua. E tudo isto alimenta o mito de que Miss Elizabeth Hawley sempre trabalhou para a CIA.

Metódica, pontual, implacável. São muitos os adjectivos que se aplicam a esta figura incontornável da história do alpinismo, que eu tive o privilégio de conhecer. Mas, para mim, das dezenas de vezes que falámos, ficou ainda a impressão de grande sensibilidade, de carinho até. Por alguma razão, ela gosta de mim. No final da entrevista que me fez, após a descida do Annapurna, ao despedir-se, lançou uma pergunta que me deixou aparvalhado: “E agora é tempo de parar, não?” Gaguejei, devo ter respondido com alguma mentira piedosa de que não me lembro.

Porque a pergunta vinha da mulher, em todo o mundo, de quem eu menos esperava. Não tinha sido a minha mãe nem a minha mulher a pedir-me para parar de arriscar a vida. Fora Miss Elizabeth Hawley. Naquele momento, ela foi a minha avozinha.



PASCAL DEBROUWER

Uma dupla para a Montagnes du Monde

A primeira vez que o meu caminho se cruzou com o do Pascal foi no início da década de 1990. Mas nenhum de nós deu por isso. Só anos mais tarde, quando nos tornámos amigos e parceiros de expedições, é que chegámos à conclusão de que nos tínhamos encontrado num festival de aviação, onde ele estava a vender *posters* e a angariar donativos para uma expedição belga ao Dhaulagiri, em 1994. Na altura, ainda mal pensava em escalar montanhas de oito mil metros e estava ali como apaixonado pela aviação. Andava, então, a tirar o *brevet*.

No entanto, acompanhava o mundo do montanhismo na Bélgica. Era sócio do Clube Alpino Belga e recebia a revista *Ardennes et Alpes*, que dava conta das actividades no país onde vivi três anos e meio, entre 1990 e 1993. O Alain Hubert, o homem dos pólos (e com quem depois partilhei aventuras nos Himalaias e na Antárctida), já era uma estrela. Outro nome a quem mais tarde juntei uma cara e uma personalidade (tratou-me quando sofri uma fractura nos Alpes) era o Pierre Soete, médico e alpinista, um tipo notável, como voluntário dos Médicos do Mundo criou hospitais itinerantes no Nepal.

Mas foi só em 1997 que conheci verdadeiramente o Pascal. O meu passado belga facilitou, necessariamente, a criação de laços entre dois tipos que estavam no Everest como individuais – eu integrado numa expedição internacional, ele apenas acompanhado de um cozinheiro. Começámos a fazer cordada e entendemo-nos muito bem desde o início. Tínhamos o mesmo ritmo, a mesma atitude e ambições semelhantes. O que não tínhamos era a mesma preparação...

O Pascal era um atleta. Nunca vi ninguém treinar tanto e, na verdade, sofria horrores quando comecei a ser visita regular lá em casa e íamos correr juntos. A cada dia que passava, afastávamo-nos mais de casa. A certa altura, era hora e meia para ir e hora e meia para voltar. E ele sempre a esticar o percurso. E a inventar atalhos. Estando na Bélgica, chovia quase todos os dias e os campos eram lamaçais impressionantes, onde muitas vezes nos enterrávamos até aos joelhos e tínhamos de parar para recuperar o sapato.

Tudo isto era rotineiro para o Pascal. Ele era militar, mas não um militar qualquer. Era membro de um corpo especial, os Chasseurs Ardonnais, uma espécie de comandos lá do sítio. E, como se isso não bastasse, a sua especialidade era a sobrevivência atrás das linhas do inimigo. Portanto, para ele, passar noites a dormir ao relento e alimentar-se com o que encontrava na floresta era uma segunda natureza. Na altura, ele vivia com a Nathalie num pequeno *chalet* com relvado comunitário (tinham uma cabra e duas ovelhas que iam aparando a relva). Após o treino, só podíamos entrar no *chalet* para tomar banho, depois de a Nathalie nos arrancar a lama à mangueirada cá fora. Ao lado da casa havia um abrigo, que servia também de arrecadação para o equipamento, onde eu me instalava durante a minhas cada vez mais regulares visitas à Bélgica.